



José Maria Saraiva de Aguilár nasceu a 23 de Julho de 1913 em Vila Nova de Foz Coa e faleceu em 11 de Março de 1981 em Vila Real, onde exercia a profissão de advogado. Foram seus pais Artur Máximo Saraiva d’Aguilár e Dona Ana Joaquina Pego.

Iniciou os seus estudos secundários no Colégio de Lamego, mas foi já no Liceu de Vila Real, após ter interrompido os estudos durante dois anos, que completou o 7º ano de Letras. Matriculou-se então no Curso de Direito, que frequentou até ao 2º ano na respectiva Faculdade na Universidade de Coimbra, tendo posteriormente passado à Universidade de Lisboa, onde terminou o curso em 1938.

Antes de se fixar definitivamente em Vila Real, José Aguilár (ou José de Aguilár) exerceu a actividade de ajudante de notário na sua vila natal, onde foi também (segundo um seu biógrafo) professor, administrador do Concelho e presidente do Grémio da Lavoura. Passou também ainda por Lisboa, de novo Foz Coa e finalmente Vila Real, onde se instalou por volta de 1945 para exercer advocacia, paralelamente com outras actividades, como a de professor de português, mantendo sempre uma ligação estreita à ruralidade, até porque tinha propriedades no Alto Douro que produziam amêndoa, azeite e vinho de benefício, que ajudavam a equilibrar o seu orçamento familiar.

O seu gosto pelo desporto, e principalmente pelo futebol (jogou na Académica, nos seus tempos de Coimbra), leva-o à presidência da Associação de Futebol de Vila Real durante várias épocas e mais tarde à qualidade de membro do Conselho Jurisdicional da Federação Portuguesa de Futebol e, mais tarde ainda, da Direcção da mesma.



Pessoa pouco expansiva, por vezes um tanto azeda e distante, tinha em Vila Real um círculo bastante restrito de amigos, entre os quais se contavam os Srs. César Sampaio e Alfredo Teixeira, o médico e escritor Otilio de Figueiredo, o poeta Alberto Miranda e poucos mais. Esse seu feitio pouco de molde a captar amigos explica-se porventura pelo facto de ter tido uma infância com alguma carência de afectos, pois, tendo ficado órfão de pai bastante cedo, foi criado por um tio no concelho de Vila Nova de Foz Coa, com largas permanências em Seixas do Douro e na Quinta de Vale de Malhadas.

Sendo por temperamento um tanto ou quanto avesso às luzes da publicidade, a sua faceta de escritor passou quase despercebida. No entanto foi contista de mérito, com grande intuição para o género conto e senhor de um estilo e segurança narrativa notáveis. Aproveitou para matéria dos seus contos a vida rural da lavoura duriense, de que é profundo conhecedor por experiência própria, com os seus dramas e paixões. Os contos valem também pela utilização da linguagem vernácula do Alto Douro.

Neste género, publicou três livros, respectivamente *Agora é Natal*, de 1959; *Noite de São Martinho*, de 1960; e *Uma varanda sobre o rio*, de 1963. O original de *Agora é Natal* foi premiado num concurso de manuscritos promovido pelo SNI em 1958, e publicado nas Edições Panorama, do mesmo SNI. Os outros dois livros são edições de autor.

Para além de contista, José Aguilar tinha uma forte vocação de cronista, sendo que as monografias que publicou, sobre os concelhos de São João da Pesqueira e Carrazeda de Ansiães, são, mais do que monografias propriamente ditas, textos impressionistas sobre paisagens e também sobre acontecimentos e pessoas, sempre caracterizados por um toque de elegância literária.

Foi colaborador, em certos casos assíduo, da imprensa regional, nomeadamente *O Académico*, ainda nos tempo em que frequentou o Liceu de Vila Real (entre 1931 e 1933), *Aqui Vila Real*, *A Voz de Trás-os-Montes*, *Notícias do Douro*, etc. Colaborou igualmente no nº 2-3 da *Revista Setentrião*. Proferiu também inúmeras conferências sobre os mais diversos assuntos.





* * *

De todos os contistas até ao momento abordados neste ciclo, José Aguilár é certamente o que teve uma mais longa permanência em Vila Real (quase quatro décadas), cidade onde desenvolveu a maior parte da sua vida profissional. Ainda antes da sua fixação definitiva entre nós, frequentou o 6º e 7º anos do Curso de Letras no Liceu Camilo Castelo Branco, nos anos lectivos de 1931-32 e 1932-33. É de resto nesta altura que revela as suas tendências literárias, colaborando no órgão da Academia, O Académico, pelo menos nos números de 1 de Dezembro de 1931, 18 de Novembro de 1932 e 15 de Março de 1933. Esses artigos (um dos quais dedicado a Camilo Castelo Branco, uma das suas paixões literárias) pode dizer-se que eram já promissores de uma futura actividade de escritor. Nessa época revela também já o seu espírito académico, ao colocar por baixo da sua assinatura, no primeiro dos referidos artigos, a menção “República da Porta Franca” e ao colaborar nas duas récitas do 1º de Dezembro, ao lado de colegas como João Meneres Campos, presidente da Academia, Lígia Branco, Cardoso de Figueiredo, J. Fraga, E. S. e Silva Machado e José Tibúrcio Monteiro, interpretando os papéis de Frederico e um criado, respectivamente nas comédias Comendador Aleixo e A Morte do Galo.

Terminado o Curso de Direito e depois de experiências profissionais em Lisboa e na sua terra natal (Vila Nova de Foz Coa) – onde vem a casar com a Senhora Dona Augusta de Magalhães, natural de Lobrigos, concelho de Santa Marta de Penaguião, mas vivendo na Quinta do Vesúvio, adjacente à Quinta de Vale de Malhadas, de quem teve cinco filhos –, regressa a Vila Real por volta de 1945. Aqui desempenhará, entre outras, as funções de professor de Português na Escola Industrial e Comercial e a advocacia, actividade em que veio a ganhar grande notoriedade em Direitos Reais.

O seu primeiro escritório situava-se na casa dita de Diogo Cão, onde tinha igualmente o seu consultório o Dr. Otilio Figueiredo. Dessa vizinhança (e certamente do facto de ambos terem inclinação para as letras) nasceram





relações duradouras de amizade entre os dois. Posteriormente muda-se para uma casa defronte, pertencente ao chauffeur de praça Lourenço, que era o seu taxista habitual.

A sua residência foi, de início, na Rua Miguel Bombarda, mais ou menos em frente da Casa Cardoso. Estabeleceu nessa época amizade com algumas pessoas das imediações, como Artur Ferreira Carvalho Costa (o conhecido Chefe Artur, quarteleiro dos Bombeiros Voluntários da Cruz Verde, corporação a cujos órgãos sociais o Dr. José Aguilar pertenceu, e em cujo parque guardava o seu automóvel), o Rebelo dito “das Bicicletas”, o barbeiro Sérgio, cuja barbearia ficava na adjacente Rua Alexandre Herculano e era uma conhecida tertúlia de adeptos do F. C. Porto, frequentada pelo Dr. José Aguilar, também ele um portista ferrenho.

Em 1963 muda-se para o nº 1 da Praça Diogo Cão, um prédio mandado construir pelo comerciante António Margalho à Empresa Construtora de Vila Real, Ld^a, de António Camilo Fernandes.

José Aguilar era um homem que chamava a atenção pela forma cuidada como se vestia, com o seu quê de dandy: laço, sapato ou bota mexicana irrepreensível, sobretudo com gola preta, óculos Ray-Ban. Fumava cigarrilhas Long Panatellas da Willem. Jogava com mestria bilhar (com um taco privativo, no Café Excelsior) e damas. Escolhia automóveis invulgares: dois Borgward Isabella, um Vauxhall de gama alta, e finalmente um Citroën “Boca-de-sapo”.

Frequentava a Pastelaria Gomes, onde gostava de se sentar, embrenhado na leitura atenta do jornal. Este gosto da leitura, que manterá ao longo de toda a vida, poderá ter sido adquirido numa possível biblioteca do tio por quem foi criado.

Apesar do seu feitio um tanto distante, mantinha um certo espírito de humor que diríamos académico.





Era um grande apreciador de futebol. Pode dizer-se que “respirava” futebol. Na barbearia do Sérgio e do Joaquim Gomes, além de comentar a actualidade desportiva, recordaria certamente a Associação Académica de Coimbra, de que fora atleta. Motivo de conversa seria também a sua experiência associativa, primeiro na Associação de Futebol de Vila Real, depois na Federação Portuguesa de Futebol.

A sua passagem pelos órgãos directivos da Federação permitiu-lhe viajar pelo estrangeiro, colhendo nessas viagens elementos para alguns dos seus escritos, que vinha publicando cada vez com mais regularidade na imprensa. Está por fazer o levantamento da sua colaboração periódica. Mas citemos alguns jornais a que deu colaboração: Aqui Vila Real (Junho de 1948, artigo “Roças do Douro”); Sport C. Vila Real (Novembro de 1960, artigo “Pórtico”); Revista Setentrião (nº 2-3, de Junho de 1962, onde publica o conto “A morte do capador”). Nas décadas de 1950 e 1960, quando ainda dispunha de algum tempo livre deixado pela advocacia, colaborou no Notícias do Douro (colaboração iniciada em 7 de Agosto de 1960) e sobretudo em A Voz de Trás-os-Montes, onde publica crónicas pelo menos desde finais da década de 1950 e onde chega a ter uma secção permanente, “Coisas e Loisas... E perguntas sem resposta”. Trata-se de um conjunto de notas soltas, que totalizam 363, publicadas entre 26 de Março de 1967 e 8 de Março de 1969, sobre diversos assuntos, como política internacional (e nacional), história, economia, as possessões ultramarinas, a Igreja, a língua portuguesa, o turismo – e Vila Real.

Alguns exemplos de notas sobre Vila Real: as homenagens a Camilo (colocação de uma placa na Casa dos Brocas) e a Heitor Cramez (idem, na casa da Rua Camilo Castelo Branco onde se diz ter nascido – erradamente, sabemos hoje, pois o pintor não nasceu aí, mas sim numa outra casa da família situada na Travessa da Trindade, como se pode ler no assento de baptismo); as festas da cidade, que achava modestas e rivalizando com as de Constantim; as alterações urbanísticas no Pioledo, que aprovava; o Parque Florestal em construção; o número excessivo de placas de trânsito; os garotos que, acompanhados dos pais, atiravam com fisgas e carabinas de ar comprimido aos pássaros na Praça Diogo Cão; a barraca de venda de vinhos instalada pela Adegas Cooperativas na Avenida Engº. Eduardo de Arantes e Oliveira (hoje 1º de Maio), que chamava “barraca de tiro ao copo”; os cães vadios que infestavam a cidade; o facto de a Câmara ter autorizado a circulação de camionetas de carga na Avenida Carvalho Araújo, assim como a instalação de uma central de camionagem e de escolas de condução; aquilo que ele chamava “o potente





alambique de música de funil”, instalado pela Ideal Rádio, de Justes, na Avenida, durante as festas da cidade, causando incómodo aos doentes do Hospital e aos alunos do Liceu, então em época de exames.

